

ESPELHO, ESPELHO MEU: O INSTAGRAM, O Outro/outro E O EU

INCERTI, Natália¹

WEIDE, Júlia²

ZASSO, Izabele³

izabele@fag.edu.br

“Estamos hoje mais para a famosa ironia de Voltaire: Deus criou o homem a sua imagem e semelhança, e o homem pagou na mesma moeda” (VERAS, 2019, p. 109).

RESUMO

Com o advento da tecnologia, as redes sociais têm sido cada vez mais utilizadas pelos sujeitos contemporâneos como forma de comunicação e exposição da própria imagem, isto posto, percebeu-se a necessidade de compreender esse fenômeno atual dentro de uma mídia específica: o Instagram. Sendo este o principal objetivo do trabalho, buscou-se compreender qual a relação estabelecida entre o usuário e o aplicativo, bem como, quais as implicações que as postagens próprias trazem para a vida cotidiana. Para tal, foi realizada uma análise de discurso de dois sujeitos, maiores de dezoito anos, sob uma ótica psicanalítica, selecionados a partir de uma amostra não probabilística, utilizando-se do método de acessibilidade e conveniência, e aplicada entrevista semiestruturada. Esta pesquisa não prevê nenhum resultado ou diagnóstico, visto que a psicanálise zela pela não universalização do discurso e entende-se que cada fala compõe a maneira como cada sujeito se constitui singularmente. Entretanto, algumas questões relacionadas aos objetivos específicos da pesquisa puderam ser observadas e analisadas, como o narcisismo e o mal estar se manifestam no Instagram, o tópico relacionado ao corpo e a presença do capitalismo nas relações estabelecidas com o aplicativo.

Palavras-chave: Instagram; Redes Sociais; Psicanálise; Contemporaneidade; Sexualidade.

Graduanda do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz – Cascavel, PR.
E-mail: natalia.incerti@gmail.com¹

Graduanda do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz – Cascavel, PR.
E-mail: schopanweide@gmail.com²

Psicóloga, Orientadora graduada pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões e Mestre em Direitos Humanos pela Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: izabele@fag.edu.br³

MIRROR, MIRROR, ON THE WALL: INSTAGRAM, THE Other/other AND I

INCERTI, Natália¹

WEIDE, Júlia²

ZASSO, Izabele³

izabele@fag.edu.br

“Today we are closer to the famous irony of Voltaire: “God created man in His own image and likeness, and man has been trying to repay the favor ever since” (VERAS, 2019, p. 109).

ABSTRACT

With the coming of technology, social media has been used more and more by the contemporary individuals as a form of communication and exposure of its own image, that being said, it was noted the necessity to comprehend this current phenomenon taking into account an specific media: Instagram. With that being the main objective of this paper, it was aimed to comprehend the relationship established between user and app, along with which are the implications of the posts, on its own, bring to day-to-day life. To obtain that, a speech analysis of two subjects was conducted, over 18 years old, taking into account the psychoanalysis' optic, selected upon a non-probabilistic sample, making use of the accessibility and convenience method, along with an semi structured interview. This research does not predict any result or diagnosis, taking into consideration that psychoanalysis ensures to the not universalization of speech and it's understood that each speech composes the way in which each subject constructs itself in a unique way. However, some of the questions related to the research's specific objectives could be observed and analyzed, such as narcissism and uneasiness come across on Instagram, the topic related to the body, and the presence of capitalism in the relationships established within the app.

Key words: Instagram; Social Media; Psychoanalysis; Contemporaneity; Sexuality.

Graduanda do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz – Cascavel, PR.
E-mail: natalia.incerti@gmail.com¹

Graduanda do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz – Cascavel, PR.
E-mail: schopanweide@gmail.com²

Psicóloga, Orientadora graduada pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões e Mestre em Direitos Humanos pela Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: izabele@fag.edu.br³

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se tratou de uma pesquisa sob o viés psicanalítico, em sua forma de compreender os fenômenos contemporâneos em relação ao corpo e virtualidade, bem como a exposição de imagens no Instagram. Para esse fim, hão de ser oferecidas contribuições importantes, principalmente ao que tange o conceito de narcisismo, sexualidade, pulsão, estádio do espelho, fantasia e relação entre eu e o outro/Outro.

Para que se pudesse melhor entender o fenômeno contemporâneo de supervalorização da imagem, fez-se necessário realizar um breve percurso histórico, delimitando, assim, as principais transformações ocorridas no contexto social e cultural e seus impactos nas esferas individuais e de relações afetivas.

O desenvolvimento da ciência e tecnologia, durante o século XX, avançou de maneira acentuada, culminando em incertezas e instabilidade para a sociedade, afetando diretamente as relações humanas. Nesse ínterim, Bauman utiliza os conceitos de liquidez e solidez para designar tanto a sociedade, quanto o amor. Nesse último, fala sobre as relações humanas e as alterações sofridas na forma como elas acontecem. As relações construídas a partir de esforços e interesses pessoais, com a finalidade de conectar-se com o outro, divergem dos laços e vínculos essenciais e não substituem a ausência destes, logo, a essa conexão instável resta apenas a insegurança e o modo frágil como se constituem as relações modernas: torna-se fácil desatar um nó amarrado frouxamente e amarrá-lo de novo para que isso se repita (BAUMAN, 2004).

É sobre o desejo de ter para si e não querer ser para o outro. Há certa angústia quanto ao “status” de durabilidade das relações, que permeiam o desejo de fazê-la acontecer concomitantemente à insegurança e disposição para mantê-la, a ponto da pessoa ter que abrir mão de sua liberdade individual. O autor ainda traz essa ambiguidade de forma análoga aos sonhos e pesadelos e postula quanto à incansável busca pela satisfação dentro das relações, que não são verdadeiramente satisfatórias, pois novamente a dualidade aparece, agora na forma de atração e repulsa, quando a expectativa promete determinada satisfação, contudo, a realidade apresenta sofrimentos para que se chegue até ela (BAUMAN, 2004).

No dia 6 de outubro de 2010, o aplicativo Instagram, uma rede social de compartilhamento de fotos, criada pelo brasileiro Michel Krieger e pelo americano Kevin Systrom, foi lançado, com aproximadamente 25 mil downloads no primeiro dia. Logo, no ano

de 2012 o Instagram já contava com 30 milhões de pessoas, chegando a ser comparado ao Facebook que também continha muitos usuários (VILICIC, 2015).

Essa rede social de compartilhamento de fotos oferece aos usuários diversos recursos para criar e compartilhar com os amigos, pessoas próximas, ou para qualquer pessoa que esteja conectada. Esses recursos contribuem para que você possa se expressar melhor e se conectar com quem você gosta (INSTAGRAM, 2020).

A questão da alteridade, apresentada principalmente por Lacan (1948/1998) quando retoma fundamentos hegelianos, expõe que não há um sujeito sem um outro, este outro é similar, parecido, rival, sendo o registro do imaginário. O pequeno outro é meu semelhante, ou seja, também é ser humano, sendo homem ou mulher, que é constituído por um corpo. Contudo, o eu é o outro antes de tudo, não existe o eu sem o outro, e foi a partir deste outro que o eu foi feito, isto é, se confundem, entrando em uma luta pelo reconhecimento, onde disputam quem é melhor que o outro. Nessa disputa, pode-se citar o narcisismo, luta onde um quer ser reconhecido pelo outro (QUINET, 2012).

Freud denomina de narcisismo o amor do sujeito por ele mesmo como sendo outro, concomitantemente, Lacan apresenta o registro do imaginário no estágio do espelho. Essa experiência vivida entre os seis e dezoito meses é representada por Lacan como o prazer da imagem especulatória, de um sujeito imerso em uma debilidade motora e uma dependência do seio materno, se apresenta antes mesmo que se identifique, antes que se torne um corpo atravessado pela linguagem (LACAN, 1949/1998).

Nesse sentido, o sujeito, em psicanálise, só se torna sujeito a partir da relação que estabelece com estes outros, seja pela dimensão do imaginário ou pela dimensão do simbólico. Isso nada mais é do que dizer que, embora ocorridas diversas transformações no campo da existência humana, o contato com o outro - mesmo que virtualizado - ainda se faz fundamental para a constituição subjetiva.

Também é possível elencar o peso da imagem na sociedade contemporânea, expressa diante da supervalorização do eu. Na mesma direção, Freud (1930/2010) postula, no artigo O mal-estar na Civilização, que há a “impressão de que em geral as pessoas usam medidas falsas, de que buscam poder, sucesso e riqueza para si mesmas e admiram aqueles que os têm [...]”. A partir disso, faz-se remeter essa fala do autor à contemporaneidade, na qual os sujeitos usam as mídias sociais, como o Instagram, para esbanjar episódios de felicidade demonstrando uma vida “fake”, montada a partir daquilo que os seguidores imaginam e

esperam de determinado *post*, com a intenção de receber uma quantidade gratificante de *likes* instantâneos.

Deste modo, o corpo se torna assunto principal no palco da sociedade, onde faz-se conteúdo de conversas, piadas, roteiros de cinema e televisão. O corpo, para Freud, fragmentado por suas zonas erógenas e marcado pelas pulsões dirigidas para o Eu e para os objetos, também é autoerótico e narcísico por isso (FREUD, 1915/2016). É um corpo pulsional, pois as pulsões se originam no interior do corpo. É um corpo erotizado, porque, através da fala, e utilizando-se da linguagem, alguém o fez, ou seja, quando no início da vida da criança, ainda com um corpo não unificado, esta precisa do amparo da mãe para escutar seu corpo e apaziguar seus desprazeres, porém, isso só acontece a partir do momento em que a mãe, através do seu investimento libidinal no corpo da criança, nomeia para ela suas partes, funções e sensações (FERNANDES, 2011).

Por essa perspectiva, o corpo, na contemporaneidade, vem como uma exemplificação dos conceitos de Freud, principalmente no que tange construir uma imagem do próprio corpo nas redes sociais a partir do outro, ou seja, publicar aquilo que se supõe ser do desejo alheio.

Nesse sentido, pode-se citar a maneira como as pessoas agem no Instagram, as fotos postadas muitas vezes não condizem com a realidade daquele sujeito. As fotos bonitas no *feed* e nos *stories* são alteradas de diversas formas, como, por exemplo, em uma paisagem bonita com um rio cristalino, a presença de filtros é massiva, alterando a realidade. Em outro contexto, tem-se o uso desenfreado de aplicativos para modificar rosto, pele e corpo como um todo, se o sujeito não gostou de alguma coisa em seu corpo, ou se não quer deixar uma espinha aparente, os filtros e aplicativos contribuem para que esta não apareça em sua foto perfeita, assim, demonstrando que a verdade daquela foto não passa de um falso real que está exposto nas redes sociais. Também neste mesmo livro, o autor relata que “O espetáculo se expressa de maneira positiva, onde o que aparece é bom, o que é bom aparece” (DEBORD, 1967). Logo, pode-se elencar o fato de que as pessoas postam sempre imagens positivas, de alto astral, buscando uma felicidade não condizente com a realidade daquele momento.

Tais apontamentos trazem alguns dos questionamentos fundamentais desse trabalho: o demasiado gasto de energia para a exposição do próprio corpo nas redes sociais, concomitantemente com a busca incansável pela aprovação de outrem (geralmente o objeto de desejo). Muito do que sofre uma alteração, antes de ser publicada, é aceito pelos espectadores

de forma a alimentar as fantasias e expectativas do sujeito que vê, acerca daquilo/de quem é visto.

2 MÉTODOS

A presente pesquisa apresentou uma natureza básica e objetivou conceber novos conhecimentos que sejam úteis e de interesse geral, bem como a coleta de dados fundamentada em análise de interações sociais. Também quanto à abordagem do problema, foi de caráter qualitativo, tendo o mundo e o sujeito enquanto laço que não pode ser rompido, indissociáveis, pois a relação entre a subjetividade do sujeito e o ambiente natural, não pode ser especificada em números (KAUARK, MANHÃES e MEDEIROS, 2010).

Ao que tange o ponto de vista dos objetivos, esta pesquisa se deu como explicativa, pelo modo como se constituiu, a fim de aprofundar a teoria e a prática, esclarecendo o porquê da ocorrência dos fenômenos. Quanto aos procedimentos técnicos, caracterizou-se como um estudo de campo, realizado virtualmente, tendo em vista o aprofundamento em uma realidade específica (GIL, 2002).

2.1 PARTICIPANTES

O público desta pesquisa foi constituído por dois sujeitos do sexo feminino, maiores de 18 anos, que se declararam usuárias do aplicativo Instagram e apresentaram tempo de uso compatível ao proposto pelas pesquisadoras (trinta minutos ao dia por pelo menos um ano). Para justificar o número de participantes, entende-se que a psicanálise se utiliza do método caso a caso e zela pela não universalização do discurso do sujeito; considera que estes atribuem significados únicos, expressando-os através da sua linguagem de discurso, assim como Orlandi (2020) salienta, a Análise de Discurso se preocupa como os sujeitos conseguem se manifestar através de sua fala, a partir dos ideais que são concretizados na linguagem, e vice-versa.

A amostra da pesquisa se deu por acessibilidade e conveniência, visto que as participantes foram selecionadas a partir da vontade do sujeito de participar, ao passo que os critérios de participação foram divulgados pelo próprio aplicativo do Instagram.

2.2 INSTRUMENTOS

O instrumento utilizado para a realização da pesquisa foi o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que tange à questão legal, o qual apresenta informações pertinentes a respeito da participação do sujeito, bem como os riscos e benefícios, a possibilidade de desistência e de ressarcimento de gastos, juntamente com as assinaturas digitais dos envolvidos na pesquisa, efetuadas pelo Autentique. Também foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada referente à coleta de dados, elaborado pelas próprias pesquisadoras, a fim de abordar a relação dos sujeitos com aspectos relacionados ao Instagram, corroborando com o objetivo geral e específicos deste trabalho. Compunham o questionário questões como: “Fale um pouco sobre a sua experiência com as redes sociais em geral, além do aplicativo Instagram; Como você conheceu e começou a participar do Instagram?; que tipo de foto você publica no Instagram?; Você utiliza muitos filtros nas suas fotos?; O que você pensa quando vai postar uma foto?; Como o Instagram se relaciona com os aspectos da sua vida?; O que o seu *feed* representa pra você?; Quando você curte uma foto, por quê curte?; Como você lida quando não recebe o número de curtidas esperado?”. As questões foram abordadas de forma aberta, buscando respostas não limitadas, através de uma associação livre, do entrevistado sobre o assunto.

2.3 PROCEDIMENTOS

Após a aprovação do projeto de pesquisa pela Plataforma Brasil, foi realizada a divulgação dos critérios de participação da mesma, no próprio aplicativo Instagram, e, então, efetuado o agendamento, em diferentes datas para a realização das entrevistas semiestruturadas, esta, por sua vez, assim como elucida Gil (2002), apresenta mais flexibilidade na coleta de dados, respeitando os preceitos da psicanálise. As entrevistas

ocorreram na modalidade remota, levando em consideração o contexto pandêmico de enfrentamento à Covid-19, seguindo a Recomendação Nº 027, de 22 de abril de 2020, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que recomenda a sustentação do isolamento social. Para tanto, foi utilizada uma plataforma digital do Google, o Google Meet, que possibilita imagens de vídeo, áudio e uma ferramenta de gravação, usada com o consentimento das participantes e descartada após a transcrição da mesma, garantindo o sigilo e a preservação da identidade dos envolvidos.

2.4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi feita a partir do método de Análise de Discurso (AD), processo este que, segundo Orlandi (2020), pretende entender a língua, a constituição da história do sujeito e possíveis maneiras de significação. O sujeito é atravessado pela linguagem para se constituir como tal, a análise de discurso e a interpretação do espaço vêm para que se possa entender como os objetos simbólicos produzem um sentido. A análise de discurso não é apenas uma interpretação da fala, é compreender para além dos sentidos, buscando escutar outros e como eles se estabelecem.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Pautado no Código de Ética Profissional do Psicólogo, os nomes dos sujeitos entrevistados foram alterados a fim de preservar sua identidade. Foram entrevistadas duas pessoas: Capitu, de 24 anos, cuja entrevista se estendeu por 39 minutos e 33 segundos e Macabéa, de 20 anos, cuja entrevista teve duração de 23 minutos e 06 segundos.

Ambas as entrevistas foram realizadas via Google Meet, uma plataforma de comunicação digital em vídeo. Por conta do modelo remoto em que foi realizada, houve alguns minutos em que o diálogo foi interrompido por falhas na conexão da internet.

Ao que parece, nenhuma das participantes apresentou alguma atitude que pudesse transparecer relações problemáticas com o assunto. Entretanto, foi passível de observação a distinção entre os discursos: Capitu falou detalhadamente e em demasia sobre o assunto, já

Macabéa apresentou certa dificuldade em expressar seus pensamentos e formular suas ideias. É importante ressaltar também quanto a não polarização do discurso sobre a internet, demonizando ou endeusando seu uso, visto que cada sujeito atribui seu significado de forma subjetiva e singular a isso.

Para se dar e desenvolver a análise do discurso propriamente dita, utilizou-se, para remeter-se às falas exatamente como foram ditas pelas entrevistadas, “entre aspas” e *italico*.

3.1 ANÁLISE DA ENTREVISTA COM CAPITU(RAR): DO NOME AO VERBO¹

Capitu entrou na ligação exatamente no horário combinado. Ao dar início à entrevista uma explicação sobre os procedimentos foi realizada, assim como a leitura e assinatura do TCLE. Quando apresentada a primeira questão, foi dito a ela que falasse tudo o que viesse a sua mente, pois ali se tratava de um ambiente livre de qualquer julgamento.

A pergunta que abriu a entrevista referiu-se às primeiras experiências de Capitu frente às redes sociais. Sobre isso, relata: *“É... assim, desde que eu sou criança eu já lembro d’eu começando a ter interações com redes sociais a partir do MSN”*. No início desta frase, pode-se perceber um ato falho, o que Freud (1916) chama de lapso verbal que, ao invés de utilizar a palavra “era” - de ser criança no passado - usa a palavra “sou”, denunciando uma condição infantil, inerente à sexualidade adulta. Isso quer dizer que a sexualidade humana adulta é permeada de restos da infância, mais precisamente, de restos da sexualidade infantil (CALLIGARIS, 2020).

Nessa direção, a narrativa de Capitu permite associar novos elementos alusivos à sexualidade infantil no uso e no manejo que faz das redes sociais. A entrevistada relata que sua interação com a redes sociais sempre se deu de uma forma muito ativa, rememorando: *[...] quando surgiu o Orkut e eu já criei um e sempre fui extremamente ativa em Orkut, é... tirava foto pensando em postar no Orkut, estava sempre mudando as minhas fotos, estava escrevendo depoimentos, brigando pelo topo (risos) o topo é meu”*. Nesse fragmento de entrevista, foi possível identificar novos componentes da sexualidade de Capitu. Uma questão que parece ficar evidenciada é a dimensão fálica de seu discurso, ao dizer estar sempre *“brigando pelo topo”*. Essa verbalização denota uma identificação ao falo, colocando-se em

¹ Fazendo referência à personagem da obra “Dom Casmurro” de Machado de Assis.

uma condição fálica, demonstrando estar acima de tudo e todos, brigando pelo falo imaginário, para, justamente, lidar com essa falta demonstrada em uma forma de poder (LACAN, 1957/1958). Na sexualidade humana infantil, para que uma pessoa se transforme em sujeito de desejo, é necessário um processo denominado, por Lacan, como alienação/separação. Ou seja, em um primeiro momento, é importante que a criança esteja alienada ao desejo da mãe, que seja o falo desta para se constituir e sobreviver. Mas, em um segundo momento, precisa acontecer a desalienação/separação, para que então a criança se torne um sujeito, onde se coloca a dimensão da falta para que haja o desejo.

Contudo, ser sujeito de desejo não é uma tarefa simples. O recurso que a neurose encontra para sua satisfação, diante de uma realidade que lhe é insatisfatória, é pelo campo da fantasia. Sendo assim, o Instagram se oferece como ferramenta que sustenta nossas fantasias, dedicando ilusões frente à realidade, eficazes apenas pela existência da fantasia. Algo dessa ordem parece evocar na narrativa de Capitu: *“Daí, em 2016, por aí, eu postei, eu fui nos Jogos Jurídicos fantasiada de Anitta, e daí eu postei a foto fantasiada de Anitta, marquei a Anitta, e a Anitta comentou a minha foto, e assim, de 500 seguidores eu fui pra 2 mil, só pela Anitta ter comentado a minha foto, então eu ganhei muito seguidor e a partir daquele momento qualquer foto que eu postava tinha o triplo das curtidas que eu tinha anteriormente, só pelo fato de eu ter ganhado muito seguidor. Então, a partir daquele momento, eu já não.. já comecei a postar qualquer foto, porque eu sabia que qualquer foto ia dar muito mais curtida do que eu tinha antes, então eu comecei a me desinibir com isso.”* Há a impressão de que ela busca fama, poder e sucesso, utilizando-se de medidas falsas, como a fantasia precisa de alguém que possui as características que almeja para si, como um Ideal do Eu. Freud (1914) se refere ao Eu Ideal e Ideal do Eu, elucidando o primeiro, uma instância do imaginário, como aquilo que gostaríamos de ter sido, relacionado ao lugar ocupado pelo sujeito frente ao desejo de seus pais, sendo objeto do outro. Já o segundo, instância simbólica, tange à admiração e identificação com alguém, valores ou ideias, um caminho a percorrer para poder desejar, cujo ideal nunca será alcançado. O escritor Eduardo Galeano traduz o ideal de Eu quando cita o poema de Fernando Birri, em 1994:

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

O poema de Birri aponta uma aproximação com a psicanálise, ao passo que, na suposição de se alcançar um objeto de desejo, o mesmo nunca será alcançado uma vez que tal objeto é inexistente. O que há, na verdade, é a falta de objeto de desejo. Capitu apresenta em seu discurso em uma série de repetições de palavras, indicando uma dimensão de grandeza e intensidade, também demonstrado no trecho: *“E daí também daqui um pouco ninguém mais tinha Snapchat, todo mundo no Instagram, então, então bora pro Instagram, ficar tudo no Instagram”*, referindo-se a um lugar de reconhecimento, de pertencimento, de ser olhada, admirada e desejada. Parece querer “dar conta” de um ideal. O ideal capitalista do acúmulo, em que se almeja “tudo, todo, super”.

Desta maneira, o desejo de estar sob o olhar do outro nos remete à um recorte de seu discurso: *“você passa e olha o seu próprio feed né, daí eu: nossa, menina viajada (risos), que menina inteligente, bem arrumada sabe? Então acaba que ali fica, né, os melhores momentos né, então se você olha, você tem essa impressão, assim..”*. Os adjetivos atribuídos por Capitu ao seu próprio *feed*, assemelham-se ao imaginário do Eu Ideal, que corresponde a uma figura do narcisismo. No início da vida psíquica do sujeito, o Eu é depósito da libido, sendo capaz de satisfazer-se em si mesmo, portanto, autoerótico. Quando falamos de narcisismo, não o tratamos como algo patológico, mas sim como parte constitutiva do sujeito (FREUD, 1914).

Ao ser questionada sobre quais os tipos de fotos ela postava, relata: *“[...] porque eu sempre fui bem egocentrista, de tirar fotos só minhas e assim, eu nunca fiz photoshop, nunca tive esse lado assim de querer modificar muito as fotos, mas fotos posadas mesmo e foto só minha, era o que eu geralmente postava, assim [...]”*. Logo, pelo fato de Capitu postar fotos geralmente só dela, há de se fazer uma ligação com o que Freud, seguido por Lacan, postularam sobre o narcisismo e o registro do imaginário no estádio do espelho, sendo que este expõe a ideia do amor do sujeito por ele mesmo, apresentado entre os seis e dezoito meses de idade (LACAN, 1949/1998).

Nesta mesma linha, a questão em pauta traz a relação do sujeito com seu próprio corpo. Com as modificações que a tecnologia nos permite fazer com filtros que modificam a realidade dos rostos e corpos, Capitu diz: *“Às vezes, até quando você tá com o filtro e você tira, você até tipo se choca assim de, meu deus (risos)*. Deste modo, entende-se o corpo como exposição, uma apresentação contemporânea, extremamente valorizado se regido sob as regras impostas de magreza e perfeição, nos âmbitos da saúde e estética. *“[...] é, eu tenho silicone, então antes de colocar o silicone, assim, tipo, foto de biquíni não postava, daí é meio*

também que uma aceitação da- eu coloquei o silicone e foi automático, d’eu começar a postar mais fotos do corpo, sabe, automaticamente”.

Com o advento da tecnologia e com a naturalização dos procedimentos estéticos, tornou-se fácil modificar o corpo, seja por meio de filtros, disponíveis dentro do próprio aplicativo, que incluem trocar a cor dos olhos, colocar maquiagem, diminuir ou aumentar medidas ou melhorar as cores das fotos, praticamente realizando cirurgias virtuais. Mas isso não é de hoje, percebe-se que no período clássico dos Gregos, o símbolo do teatro eram as máscaras, estas não possuíam nenhum tipo de expressão e eram exatamente simétricas, o padrão de beleza dava-se a partir do equilíbrio de elementos e feições pacíficas (FARTHING, 2011). Ou seja, os padrões de beleza sempre estiveram presentes, apenas se atualizam, conforme o mundo também o faz.

Fazendo um paralelo com os aspectos do materialismo dialético, pode-se inferir que os filtros também acrescentam bens para consumo. Nesse sentido, deve-se considerar que possuir determinados bens colocam os sujeitos numa outra posição social diante do outro, uma ascensão a partir dos bens que se consome. Nessa direção pode-se associar ao que Bauman (2008) traz em seu livro *Vida para Consumo*: afinal, consumimos ou somos consumidos pelo que adquirimos?

Por essa via, de todas maneiras, cobertos ou não, independente do sexo, o corpo deixou de ser algo privado passando a se tornar público, pertencendo não mais ao próprio sujeito, mas sim às redes sociais, freneticamente usado para vender e ganhar prazer, “frequentemente apontado como fonte de frustração e sofrimento, constituindo-se como meio de expressão do mal-estar contemporâneo” (FERNANDES, 2011, p. 16).

A partir disso, é possível observar como o mal-estar na civilização, desenvolvido por Freud, em 1930, se faz presente na sociedade contemporânea, concomitantemente à demanda pelo reconhecimento do outro. Isto posto, o discurso de Capitu se mostra interessante: *“Então, às vezes até montava situações, tipo, eu lembro de adolescente, fingi... montava um copo de cerveja pra tirar uma foto sendo que eu nem gostava de cerveja, mas era cool ter o copo de cerveja ali, então eu montava essa situação. Uma vez eu comprei aqueles Macarons, que é aquelas bolachinha colorida, né, eu odiei aquilo, mas tipo, ficava lindo na foto (risos) [...]”*. Neste discurso, considera-se que Lacan (1957/1958) elucida a diferença entre desejo e demanda, em que o primeiro é algo construído pelo sujeito e a segunda se trata de algo que é

solicitado pelo outro, podendo ser negada ou não; para o neurótico², principalmente, negar a demanda do outro é uma tarefa difícil. Assim como no relato acima, que mesmo não gostando de cerveja, Capitu se dispôs a montar um cenário, demonstrando a dificuldade de dizer não a algo que seria “cool”.

Sendo assim, o universo virtual oferecido pelo Instagram se assemelha muito a um catálogo digital, em que são passadas as páginas, sem, necessariamente, perceber o que foi visualizado. Nesse sentido, as imagens expostas no Instagram se oferecem ao recebimento de *likes* e a importância de um sujeito passa a ser atribuída a partir do número de *likes* que recebe. Compara-se essa experiência à sociedade do espetáculo, com uma diferença, a gratificação apresenta-se instantaneamente, a partir dos olhares admirados, da atual plateia da atração Instagram.

Para elucidar mais em relação à busca pelo reconhecimento do outro, quando questionada sobre questões relacionadas às visualizações em seu perfil, Capitu denuncia uma preocupação em relação a isso: *“É, na verdade quando você posta uma coisa um pouco você espera também.. de ter o reconhecimento, assim, em termos de visualização e curtida né?”*. Além disso, cabe o questionamento, será que o aplicativo Instagram é um grande Outro? Um grande depósito de ideais inconscientes, que demanda demasiado gasto de energia libidinal para se manter “no topo”, se manter sob o olhar do outro.

No tocante do gasto em demasia de energia libidinal para que haja um reconhecimento/retorno, Capitu apresenta uma ambivalência: *“Então, até esses tempos eu fiz tipo um material jurídico pro IGTV e, querendo ou não, é uma coisa que te toma tempo e dá trabalho, sabe?”*. Contudo, em um segundo momento, menciona: *“então, óbvio que eu ainda não penso como uma fonte de renda porque eu gosto da minha profissão, mas tipo, ela contando de uma amiga dela que fez isso, levou prum consultório de odontologia e tá ganhando a limpeza no dente, procedimentos estéticos de dentista, daí eu tipo ah (risadinha), gostaria também, tudo que é de graça eu tô aceitando”*, ou seja, a contradição se dá quando Capitu atribui o gerúndio “ganhando”, como se ela não tivesse gasto tempo e esforço para tal recompensa. Novamente fazendo referência ao materialismo dialético de Karl Marx e Frederick Engels, no que tange à forma de análise da sociedade, em que leva em conta a realidade material das pessoas e a contradição presente na sociedade, em uma relação dialética.

² Justifica-se o uso da palavra “neurótico” enquanto estrutura, não atribuindo um diagnóstico fechado ao sujeito.

Ao analisar com mais ênfase às narrativas de Capitu, é possível observar no trecho o que Debord (1967/2013, p. 16) chama de “mundo realmente invertido”, onde a verdade é apenas um momento daquilo que é falso: *“mas volta e meia eu tento me aparecer sem nada, é, mesmo eu tendo uma pele meio com acne, com cravo, eu tento mostrar o real porque eu vejo que isso também às vezes falta né, de- isso de pele perfeita, assim eu olho, ‘nossa que linda!’, daí que eu olho e ‘ah não, tem um filtro ali, filtro bem natural, bem naturalzinho’, daí que você começa a reparar porque é difícil você também ver pessoas só perfeitas, perfeitas, perfeitas”*. Pode-se aludir essa afirmação ao espetáculo de que trata o autor, analisando que o Instagram não se dá apenas como um conjunto de imagens, entretanto, é uma relação social entre sujeitos, mediada por imagens, que estabelece o principal e atual modelo da vida contemporânea.

Diante do que foi analisado a partir das falas de Capitu, também pode-se perceber uma grande dificuldade em se expressar quando fala do seu passado, como na adolescência e na infância, adentrando sempre na dimensão do ato falho, cometendo algum lapso ou chiste quando pretende falar sobre o assunto, como demonstrado em suas falas a seguir: *“Então isso eu acho que mais assim, na m..., nos meus, na minha adolescência, depois eu fui criando mais autoconfiança, autoestima, então fui postando mais coisas pensando assim: nossa, um dia eu vou lembrar disso aqui.”*, e também: *“Realidade tá foda aqui (risos)”*. A presença do riso na fala de Capitu, parece levar à um pensamento sobre a impossibilidade de verbalizar algo que é insuportável para ela sem a presença da comicidade.

Percebe-se então a questão do corpo, do reconhecimento do outro/Outro, da dimensão narcísica e da dimensão da imagem, que nada mais é do que uma produção contemporânea e faz sucesso justamente por se inserir neste contexto, pois, se fosse algo que se opõe àquilo que os sujeitos produzem culturalmente, haveria a possibilidade de não fazer surtir o efeito que tem, visto que cada época produz seus ideais e seus sintomas. O tempo atual produz um determinado ideal de culto à imagem, perspectiva na qual está inserido o Instagram e a relação que o sujeito estabelece com o aplicativo, mediado pela fantasia de ter/ser o falo, em uma disputa por quem tem o falo ou quem tem mais *likes*.

3.2 ANÁLISE DA ENTREVISTA COM MACABÉA: AS MISÉRIAS DOS EXCESSOS³

Dando continuidade às análises dos resultados, para tal, foram selecionados alguns recortes do discurso de Macabéa, que se mostraram interessantes para o contexto da pesquisa, baseando-se no viés psicanalítico.

Segundo Macabéa, ao ser questionada sobre sua experiência nas redes sociais, para além do Instagram, relata que desde criança usava muito o Orkut, MSN e Facebook: *“Eu sempre fui muito tímida, aí tipo, era mais de boa conversar pelo, tipo, MSN ou pelo... ou pelo Orkut do que tipo, falar pessoalmente assim com as pessoas (pausa)”*. É possível verificar, logo a partir das primeiras narrativas de Macabéa, a falta da fala, demonstrada em seu discurso pequeno e cheio de repetições de palavras, que remetem a algo faltante - ao não se haver com o que é questionado.

Já sobre o Instagram, narra que não lembra exatamente como começou a usá-lo, mas relata: *“Faz muito tempo, muito tempo mesmo, acho que eu entrei em 2016, ou foi em 2017?”*. Manifestando uma certa dificuldade em dimensionar o tempo, o que se relaciona com o que Freud (1915) elucida em seu texto sobre o Inconsciente, que este é atemporal, ou seja, os processos do sistema Ics não tem associação com o tempo, não são alterados e nem ordenados por ele; o que Lacan coloca como tempo lógico, o qual não é baseado no tempo cronológico.

Assim como o tempo que parece ser confuso em sua fala, algumas palavras e o uso repetido das mesmas chamam a atenção no discurso de Macabéa, quando fala sobre sua relação com seu próprio corpo: *“agora eu comecei seguir umas nutricionistas né, porque eu tô querendo emagrecer, aí às vezes elas postam as coisa e tal. É isso.”* e *“e eu gostava de assistir essas coisas, acho que foi por isso que eu baixei o Instagram, tipo, eu achava lindo ver essas coisas. As pessoas postava foto do café da manhã, assim, aquelas coisa linda (pausa) sabe, essas coisas.”*. Tudo isso faz-nos remeter à uma possível fixação na fase oral, visto que sobressai em seu discurso tudo aquilo que parece levar prazer à zona erógena dessa fase, que é a boca.

³ Referindo-se à personagem da obra “A Hora da Estrela” de Clarice Lispector. Das misérias dos excessos que o Instagram produz.

Mais uma vez a repetição de palavras está aparente. E que “*coisa*” é essa que Macabéa traz tanto em seu discurso? Isso nos faz pensar naquilo que Freud denominou como a falta, aquilo que não há representante, que foge de imagem e palavra qualquer, que, segundo Lacan, em seu retorno à Coisa freudiana, traz o nome do Real. O objeto *das Ding* é o que o sujeito busca encontrar por toda a sua vida, mas, por excelência, este objeto já se dá fundamentalmente como perdido, que nunca será encontrado, mas dá espaço para o desejo e a fantasia (KUSS, 2015). Este objeto citado, pode-se dizer que seria o seio materno, o objeto perdido do desmame, foco da primeira zona erógena, aquele que é mítico e não é possível saber se realmente existiu, que inscreve a falta e remete à Coisa.

A falta instaurada acompanha toda a entrevista, visto que Macabéa utiliza-se do simbolismo da Coisa para tentar encontrar um representante àquilo que sequer pensa sobre. Quando colocada em pauta a questão sobre o que faz com que ela goste e poste uma determinada foto e não outra, narra: “*Ai, eu gosto das que tipo, não sei explicar. Ai, difícil essa pergunta, mas calma, eu vou pensar. Eu acho que eu posto a foto que tá mais maneira, sabe? Tipo, que a pele tá mais bonita, que você tá com menos, sei lá, que o cabelo tá mais certinho, sabe? Não sei explicar, mas a foto que tá mais da hora, sabe?*”. Sobre isso, cabe a indagação do autor, psiquiatra e psicanalista brasileiro Marcelo Veras, apresentada em seu livro “Selfie, Logo Existo”: “o que significa, nos dias atuais, a obstinada busca por estar bem na foto?” (p. 109). Ele ainda descreve que, além de um grande número de curtidas, há também a procura pela melhor imagem, que é narcísica, sendo uma defesa contra aquilo que não vai bem no âmbito sexual. O desejo do corpo que almeja nunca é voltado para si, mas sempre para situar-se no campo da visão do outro.

A interpretação do questionamento de Veras pode ser, para tanto, uma correlação das falas de Macabéa, nas quais, em sentido ambivalente de palavras chaves: a foto “*mais da hora*” “*Eu sempre posto às seis horas, sempre, ou meio-dia. Meio-dia ou seis horas. Que eu sei que tipo, essa hora que a pess... o pessoal mais entra (pausa). Ó a estratégia aí por trás (risos)*”. Ou seja, a foto certa postada na hora certa a coloca sob o olhar do outro, configurando uma “*estratégia*” para se sentir desejada. “*Às vezes eu também fico lá, tipo, quando dá seis horas, tipo, perto das seis, eu fico tipo: ‘a hora! a hora!’; daí eu fico tipo, pensando depois né, porque que eu tô fazendo isso? Mas nunca paro de fazer isso também, né, engraçado (risos)*”. Entretanto (e mais uma vez), demonstra não pensar nas suas ações, bem como não sabe explicar ou determinar o motivo de tomar essas atitudes.

O Instagram também acaba evocando a questão do olhar e coloca em jogo o tempo todo a castração, que Ana Suy menciona em um dos seus posts no Instagram, “Sobre pedestais e subsolos”, onde escreve:

Uma coisa interessante desse uso intenso que a gente tem feito das redes sociais é que não tem um outrinho sequer que a gente consiga sustentar sem furo. É castração na veia. Dito de outro modo, não há "ideal de perfeição" que sobreviva ao uso das redes sociais. A tal da "cultura do cancelamento" talvez apareça aí, como uma defesa da castração. Melhor derrubar o outro do pedestal direto para o subsolo, do que sustentar a imagem dele na horizontalidade do chão: furada como a nossa (KUSS, 2020)⁴.

O smartphone, que nos proporciona acompanhar – de onde for – *posts* de diversas pessoas – de onde estiverem – também nos possibilita carregar no bolso o objeto olhar como uma extensão de si, disponível a todo tempo para nos colocar sob o olhar do outro quando quisermos, flutuando pelas diversas redes sociais. Em outras palavras, no novo mundo contemporâneo, quando precisar do olhar de outrem, o encontrará na ponta de seus dedos (VERAS, 2019).

Nota-se então, que ao final dos discursos pontuados acima há a presença do riso, caracterizando o chiste. Freud, em 1905, escreve sobre a relação do chiste com o inconsciente, verificando a presença da comicidade na tentativa de verbalizar algo que seria insuportável a quem o faz.

Ademais, há a utilização de outras formas de expressão misturadas dentro de um discurso complicado de compreender, visto que a Macabéa coloca as pesquisadoras em uma posição de detentoras de um suposto saber, demandando conhecimento daquilo que ela própria não consegue pôr em palavras, sugerindo uma pobreza simbólica representada também pelo uso de onomatopeias como “AAAAAH” e “UUUUH”. Se não há compreensão do discurso, quiçá de imagens em baixa qualidade como a própria Macabéa pontua: “*Hum, aí eu não gosto de curtir, tipo, eu não gosto de ver foto que tipo, tá em má qualidade, sabe? Ai, é muito ruim, né? Porque a pessoa que não tem um celular bom não tem como tirar uma foto com qualidade top*”. De tal modo, como Caetano Veloso diz em sua música Sampa: “É que Narciso acha feio o que não é espelho”.

Ainda, em seu discurso relata: “*Ah eu gosto quando tem foto minha que tem muito like, porque eu fico, tipo, eu me sinto famosa, eu não sei explicar, mas eu gosto, tipo, quando tá muito curtida*”. Destaca-se aqui a palavra “*famosa*”, presente em outros trechos da fala da

⁴ Texto publicado na página do Instagram da autora, disponível em: <https://www.instagram.com/p/CEsrc8iFkQP/>

entrevistada, que pode fazer alusão ao ser/ter o falo, nesse caso, uma competição em busca de fama e poder por possuir algo que os outros aparentemente não tem, demonstrando uma maneira de lidar com a falta. Afinal, o que seria se sentir famosa senão o desejo de estar acima dos outros?

Ao decorrer da entrevista, além de se sentir famosa, Macabéa conta que acha legal ser reconhecida e que isso a deixa feliz, e depois diz: “[...]tem umas pessoas assim aí postam storie com outra pessoa, né? Aí marca o @, aí eu penso: vou ver quem é essa pessoa, né, sei lá, achei bonita, aí a pessoa já me segue, sabe? Sem eu nunca ter visto ela, daí eu fico, tipo: nossa como eu sou famosa!!! (risos) Daí eu fico, tipo, muito feliz..”. Neste trecho foi possível identificar a presença de um pensamento mágico, no qual não há esforço algum para que algo aconteça, entretanto, o que ela pensa acontece, em um passe de mágica, como se fosse a realização de um desejo. Quando o bebê precisa saciar suas carências nutricionais, chora e grita até ser amparado por quem o assiste, obtendo a satisfação quando em contato com o seio da mãe, mais tardar, o que fica em jogo é a imagem mnêmica do prazer em vista da necessidade. Para saciá-lo então, numa próxima vez, essa imagem predomina e ocorre a alucinação ao seio, ou seja, a repetição dessa primeira experiência satisfatória, alusiva ao discurso de Macabéa (FORTES e CUNHA, 2020).

Ao responder sobre o que gosta de curtir em seu Instagram, adentramos na dimensão do ato falho: “Então, antigamente eu curtida toda a foto que aparecia no meu feed, sabe?”. O ato falho ou, no caso, o lapso verbal em “curtida”, para Freud (1901), se trata de uma forma do inconsciente se expressar, entretanto, o mesmo só pode ser reconhecido como tal se o próprio sujeito se dá conta de seu erro, para que então possa saber sobre ele. Isso traduz o que ela mesma traz em sua fala em um outro momento: “[...]Eu achei que ia ser super fácil, tô achando, ah... nunca parei pra pensar nessas coisas...”, ou seja, não despende seu tempo para pensar ou se questionar sobre suas ações, apenas age. Neste momento, é possível associar seu discurso ao capitalismo, em que as pessoas apenas agem, sem produzirem um saber em cima daquilo. A partir disso, cabe o questionamento: será que o uso da internet, mais especificamente do Instagram, está tão enraizado nas vidas das pessoas que não se questionam sobre o assunto?

Diante da análise do discurso de Macabéa, fica claro o aparecimento da falta da fala, uma busca/desejo pela fama representada pela competição fálica e por sempre estar em busca do objeto perdido da sua primeira satisfação. Também é evidente a percepção da dimensão do

tempo, de forma que é possível compreender, através da fala de Macabéa, que a ordem dos eventos não demonstram importância para o inconsciente, instância que não é regida pelo tempo do relógio, que é uma construção social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa, pode-se compreender como acontecem as possíveis significações que os sujeitos estabelecem em relação singular com o Instagram, e quais as possíveis compreensões atribuídas diante da exposição de imagens. Este trabalho possibilitou o levantamento de dados, em formato de entrevista semiestruturada previamente elaborada para coletar o discurso de dois sujeitos, estes, duas mulheres de 24 e 20 anos, residentes do município de Cascavel, no Paraná. Posteriormente, o discurso coletado foi submetido à metodologia da Análise de Discurso, para tal, embasado sob o viés psicanalítico.

Na entrevista foi analisado como o narcisismo está presente na constituição do sujeito, bem como a demanda de reconhecimento do Outro/outro apresentado pelas entrevistadas, ao passo em que se discute também sobre como o mal-estar tem se manifestado no ambiente virtual, mais especificamente no Instagram, e a correlação do sujeito para com o seu próprio corpo.

O tema abordado é um fenômeno atual que apresenta poucas compreensões científicas comparado ao número de pessoas que utilizam essa rede social, que se tornou uma das principais ferramentas de comunicação – através da imagem – da contemporaneidade, alterando a forma como os sujeitos se relacionam afetiva ou profissionalmente.

Através desse estudo, foi possível compreender o nível de impacto que o Instagram produz na vida das entrevistadas, o quanto de energia elas despendem para que haja algum tipo de recompensa, seja ganhando fama ou procedimentos estéticos “de graça”. Isso nos implica a pensar sobre como o mal-estar tem se instaurado na contemporaneidade, notando-se a presença e a influência do capitalismo. Enquanto sujeitos neuróticos, estão sempre em busca de alguma Coisa, que pode ser um celular de alta qualidade ou até mesmo uma foto com muitos corações falsos, na busca de prazer imediato que é, portanto, sempre parcial, dado que não existe um objeto, para os neuróticos, que o satisfaça plenamente.

Sobretudo, é de suma importância reforçar que a internet não pode ser tratada como um ímã, polarizado em positivo (polo sul) ou negativo (polo norte), pois cada sujeito se apropria da sua relação com a internet como consegue, cada qual com seu sintoma, na medida em que é capaz de lidar. O Instagram, de alguma forma, se expressa em linguagem e conhecimento, trazendo à tona novas formas de compartilhamento de conteúdo de cunho científico, como diversos autores que expõem suas ideias e as teorizam através de *posts*, *stories* e interações com seus seguidores, abrangendo maior acessibilidade para as milhares de pessoas que os acompanham.

Cabe um apontamento quanto às entrevistas, tendo sido estas relativamente curtas, onde algumas respostas poderiam ter sido mais bem exploradas, enfim, não há como atingir a perfeição; não há como colocar filtros no saber como se faz nas imagens do Instagram.

Isto posto, entende-se que nossos objetivos foram parcialmente alcançados, pois não há como chegar a uma só conclusão, visto que os discursos analisados remetem à subjetividade de cada sujeito e à forma singular como cada um se apropria da tecnologia. Essa pesquisa abre novas possibilidades para que trabalhos posteriores possam ser embasados na visão do tema proposto, analisados sob as teorias de Freud, Lacan e outros autores contemporâneos. Aqui, nas considerações finais, o trabalho se encerra e insere novos questionamentos que podem ser pensados por quem se interessar e desejar a psicanálise. O Instagram, como ferramenta principal de comunicação atual, demonstra ser um grande Outro?

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BIRRI, Fernando. In: GALEANO, Eduardo. **Las Palabras Andantes**. Editora: Siglo, 1994.

CALLIGARIS, C. **Cartas a Um Jovem Terapeuta: Reflexões para Psicoterapeutas, Aspirantes e Curiosos**. São Paulo: Planeta do Brasil, 4ª ed., 2019.

CUKIERT, M. **Considerações Sobre o Corpo e Linguagem na Clínica e Teoria Lacaniana**. Psicologia USP, p. 225-241, 2004.

DEBORD, G. **A Sociedade Do Espetáculo: Comentários Sobre a Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1967.

FARTHING, S. **Tudo Sobre Arte: Os movimentos e as obras mais importantes de todos os tempos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

FERNANDES, M. H., **Corpo**. 4 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 4ª ed., 2011.

FORTES, I., CUNHA, E.L. Alucinação e delírio na obra de Freud: produção de desejo. **A dor e o existir**. Cad. Psicanál.-CPRJ, Rio de Janeiro, v. 34, n. 26, p. 145-158, jan./jun. 2012.

FREUD, S. As pulsões e seus destinos (1915). In: **As pulsões e seus destinos**. Obras Incompletas de Sigmund Freud, 1 ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2019.

_____. Introdução Ao Narcisismo (1914). In: **Introdução Ao Narcisismo, Ensaio De Metapsicologia E Outros Textos**. Companhia Das Letras, 2010.

_____. O Mal Estar na Civilização (1930). In: **O Mal Estar Na Civilização, Novas Conferências Introdutórias À Psicanálise e Outros Textos**. Companhia Das Letras, 2010.

_____. O Inconsciente (1915). In: **Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos**. Companhia das Letras, 2010.

_____. **Psicopatologia da Vida Cotidiana (1901)**. Lebooks, 1ª ed.

_____. **O Chiste e Sua Relação com o Inconsciente (1905)**. Companhia das Letras, 2017.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). *In: Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade, Análise Fragmentária de uma Histeria (“O Caso Dora”) e Outros Textos*. Companhia das Letras, 2016.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 4ª ed, 2002.

INSTAGRAM, 2020. Disponível em: <<https://about.instagram.com/features>> Acesso em: 20 mar. 2020.

KUARK, F.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da Pesquisa: Um Guia Prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

KUSS, A. S. S. **Amor, Desejo e Psicanálise**. Curitiba: Juruá, 1ª ed., 2015.

_____. **Sobre pedestais e subsolos**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CEsrc8iFkQP/>> . Acesso em: 10 de out. 2020.

LACAN, J. (1949). **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1998.

LACAN, J. **Seminário 4: A relação do objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1957.

_____. **Seminário 5: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: Princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 13ª ed., 2020.

VILICIC, F. **Conheça a história do brasileiro que criou o Instagram**. Disponível em <<https://exame.abril.com.br/tecnologia/conheca-a-historia-do-brasileiro-que-criou-o-instagram/>> Acesso em: 20 mar. 2020.

VELOSO, C. **Sampa**, 1978. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4UeFwOEoobg>>. Acesso em: 12 de out. 2020.

VERAS, M. F. S. **Selfie Logo Existo: posts psicanalíticos (baseados em fatos reais)**, Salvador: Corrupio, 2019.